

MÍRIAM TIRADO



QUE LOUCURA, GOA!



ILUSTRAÇÕES DE
SHEILA
DE LA MAZA



UAU,
QUE INTENSIDADE!

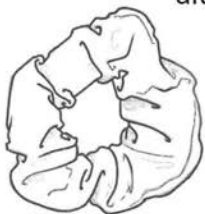


nuvem
de letras

Lembra-te: tens-te sempre a ti. 



Goa percorria os corredores daquela grande papelaria à procura de tudo o que constava da lista de livros e materiais que lhes tinham enviado da escola. Enquanto fazia isso, sentia na barriga **aquele nervosismo de quando estás prestes a acontecer algo que esperamos há muito tempo**. Enfiava a mão no bolso dos calções de ganga, tirava-a e, em seguida, voltava a colocá-la, sinal inequívoco de que estava nervosa. Naquele verão, ela tinha crescido ainda mais e o seu corpo, agora sim, era mais de menina do que de criança. Estava já quase tão alta como a mãe. Naquele dia estava



muito calor, por isso teve de apertar o cabelo com um elástico grande, porque os pequenos se partiam todos.



— Falta alguma coisa, Goa? — perguntou a mãe.

— Umas canetas, que vou buscar agora, e o livro de Alemão.



— Ainda não o têm, o empregado disse-me para voltarmos na próxima semana para ver se já chegou.

Assim que pronunciou a palavra «Alemão», sentiu uma pontada no coração. **Inevitavelmente, associava essa palavra a Klaus. Desde a viagem a Maiorca, Goa estava confusa:** sentia tantas coisas ao mesmo tempo que lhe parecia impossível compreendê-las todas.

Continuava a sonhar com o mar cerca de duas vezes por semana, mais ou menos, mas já não sofria; tinha normalizado isso, e muitas vezes conseguia pegar na prancha de surf e voar sobre as ondas, ou subir para um barco que criava dentro do sonho. **Estava inquieta, e isso era natural,** porque desde aquele primeiro dia da viagem de barco para Maiorca muitas coisas tinham acontecido, talvez demasiadas.





— Goa, estás nervosa? — perguntou a mãe quando foram para a fila da caixa.

— O quê? — respondeu Goa, distraída, como se estivesse a regressar de um lugar muito distante.

— Estou a perguntar se estás nervosa por ires para a nova escola na segunda-feira.

— **Nervosa, eu? Deves estar a brincar!** — replicou, tentando parecer segura.

Embora soubesse que a filha estava a mentir descaradamente, Júlia fingiu acreditar nela. Conseguia perceber que, naquele momento, Goa estava tão nervosa que, se insistisse um pouco mais no assunto, ela começaria a chorar ali mesmo.

Mas a mãe compreendia-a. Rodeada pelo cheiro que as papelarias exalam no início do ano letivo, Júlia também se lembrou do nervosismo e da emoção que ela própria sentira antes de começar as aulas quando era adolescente, a incerteza de não saber quem lhe calharia na turma ou que professores teria. Identificou-se tanto que não conseguiu evitar aproximar-se da filha e dar-lhe um beijo na cara, assim, espontaneamente e sem avisar, coisa de que Goa não gostou nada.

Por favor,
mãe, para!!!



— Mãe! O que é que estás a fazer?!

— Oh, estou a dar-te um beijo! Cresceste tanto...

— Estamos na fila e isto está cheio de gente!
Controla-te!

E esse último «controla-te» fez Júlia rir.



Goa fitou-a com uma expressão de quem, naquele instante, estava a passar muita vergonha alheia, e fixou o olhar no chão tentando passar despercebida, embora soubesse que, com a gargalhada estridente da mãe, isso era impossível.

DESDE AQUELE BEIJO



Desde aquele beijo no convés do barco para Maiorca, Goa tinha mudado a impressão que tinha de Klaus. Ele era tão divertido e ela sentia-se tão bem na sua companhia que, pouco a pouco e sem se dar conta, Klaus **passou de ser um amigo de infância para se tornar na pessoa por quem se apaixonou. Sim, SE APAIXONOU.** Sem se aperceber, Goa ficou apanhada por aquele rapaz um ano mais velho do que ela, com quem estava a passar as melhores férias da sua vida.

Mas ela só percebeu isso plenamente no dia a seguir ao seu regresso de Maiorca, quando o pai a foi buscar para irem, desta vez, para um parque de campismo no Vale de Arán, onde passariam alguns dias com os primos. No carro, enquanto ouvia o pai e Carla, que já tinha uma barriga imponente

porque faltavam apenas três meses para dar à luz **(Goa ainda não acreditava que ia ter um irmão-zinho!)**, teve muitas saudades de Klaus. Não conseguia parar de pensar em todos os momentos que tinham partilhado em Maiorca: quando iam juntos comprar pão e *ensaimadas*, os bolos tradicionais da ilha, todas as manhãs na padaria da vila; quando jogavam às raquetes na praia ou competiam para ver quem conseguia nadar mais tempo sem descansar; quando se riam à noite a cuscar os perfis dos ex-colegas de Klaus...

Quem me dera poder voltar a Maiorca!



Ela sentia uma emoção tão grande que não conseguia pensar em mais nada além dele e daqueles dias. **Mas, ao mesmo tempo, às vezes, tinha medo: «E se ele não sentisse o mesmo que ela? E se ele não gostasse dela?»** Estava confusa: queria muito que todos soubessem como se sentia, mas também tinha medo de que Klaus não correspondesse aos seus sentimentos ou que, ao contar aos outros o que sentia, eles se rissem de algo que para ela era tão especial, bonito e importante. No carro, a caminho do Vale de Arán, o seu mundo desabou quando percebeu que iria passar 15 dias na montanha com primos mais novos do que ela e,







o que era ainda pior, **sem saber quando voltaria a ver Klaus.**

De repente, foi invadida por uma grande necessidade de falar com ele, mesmo que fosse pelo Instagram. **Estava cheia de saudades...!**

— Pai, podes partilhar os dados comigo para eu ligar a net no tablet? Estou aborrecida no carro sem nada para fazer.

— Os dados? Para quê?

— Pai, acabei de te dizer. Para que é que havia de ser? Para poder falar com os meus amigos!

— Então fala connosco ou olha pela janela...

— Alberto, não sejas assim... Deixa-a entrar na Internet pelo menos um bocadinho. Três horas e meia de viagem podem ser muito longas só a falar connosco... — Carla desatou a rir-se, tentando fazer Alberto ceder um pouco.

Goa não percebia porque é que o pai a atormentava sempre que andavam de carro, recusando-se a partilhar os dados da Internet. Será que ele não entendia o quanto era importante para ela falar com os amigos **O TEMPO TODO?** E quão chato era falar só com ele e com Carla? Sim, eles eram fixes (como diziam com muita frequência), mas, vá lá..., não era a mesma coisa que falar com Ana, Klaus, Bru ou Nádia. **Não tinha nada a ver.**

A sério?!



Goa ficava indignada por o pai não entender algo tão básico da adolescência. Ela pensava sempre: *Não foste adolescente? Já não te lembras?*

O que ela não sabia era que Alberto se lembrava, e muito bem, mas que, agora que era pai, o magoava ver que cada vez falava um pouco menos com a filha. Quando a via a conversar tanto tempo com os amigos no tablet, ficava assustado: *E se ela ficar demasiado viciada nos ecrãs? E se falarem de assuntos inadequados para a idade dela? **E se ela se afastar cada vez mais de mim e eu a perder?***

Mas, no fim, e graças a Carla, cedeu:

— Muito bem, mas só um bocadinho, está bem, Goa?

— Siiiiim... — disse ela, enquanto pensava: *Ainda bem que tenho a Carla.*

Um minuto depois, já tinha enviado a Klaus uma daquelas fotografias que só se podem abrir uma vez: uma *selfie* em que só se via metade do rosto dela.

E, após apenas dez segundos, recebeu



uma fotografia de Klaus a fazer o sinal da vitória, com aqueles olhos verde-claros, cabelo despen-teado e sorriso travesso que ela tanto adorava.



Como iria aguentar tantos dias sem ele? Goa tinha vontade de chorar só de pensar nisso.





Que remédio! pensava ela. Gostava tanto de ir de férias para aquele parque de campismo no Vale de Arán, ao lado do rio, mas, nesta ocasião, e pela primeira vez, estava a morrer de vontade de voltar para casa, e não propriamente por ter saudades da mãe. Estava farta de jogar às cartas todos os dias ao meio-dia, quando estava demasiado calor para fazer qualquer outra coisa, e de dar os mesmos passeios de sempre. **Queria voltar para ver Ana, Bru, Nádia, mas, acima de tudo, para tentar convencer a mãe a encontrar-se com Zu, Klaus e Marcus.** Durante os 15 dias que passou na montanha, o que mais gravou no seu videodiário foram entradas como:





REC



Estou pelos cabelos de jogar às cartas, tomar banho no rio e andar de bicicleta... **A SÉRIO.** Quero voltar para casa!!! Quero os meus amigos!!! Os que tenho no parque de campismo são simpáticos, rimo-nos juntos, mas não sei... Este ano acho-os demasiado novos e as coisas que me propõem não me interessam! Sinto muita falta da Ana, mas, acima de tudo, sinto falta de Maiorca e do Klaus!!! Não entendo, se eu não gostava dele... E agora só quero conversar com ele, que me escreva e me diga que gosta de mim, o que, aliás, ainda não me disse. Bem, eu também nunca lhe disse, claro. Nem morta!!! Que vergonha!!! E se eu lhe disser, «Gosto de ti, Klaus», e ele me responder, «Tudo bem»? Ou pior, «Eu não gosto de ti»?! Ou ainda pior: e se ele me enviar um *emoji* que diga «OK»? **JURO QUE MORRO!!!** Não, nem a brincar. Será segredo. Na verdade, ninguém sabe, ainda... Nem mesmo a Ana! Ufa... E ainda faltam oito dias para voltar para casa... Vou criar raízes se permanecer aqui!!! **QUERO VOLTAR JÁ!**

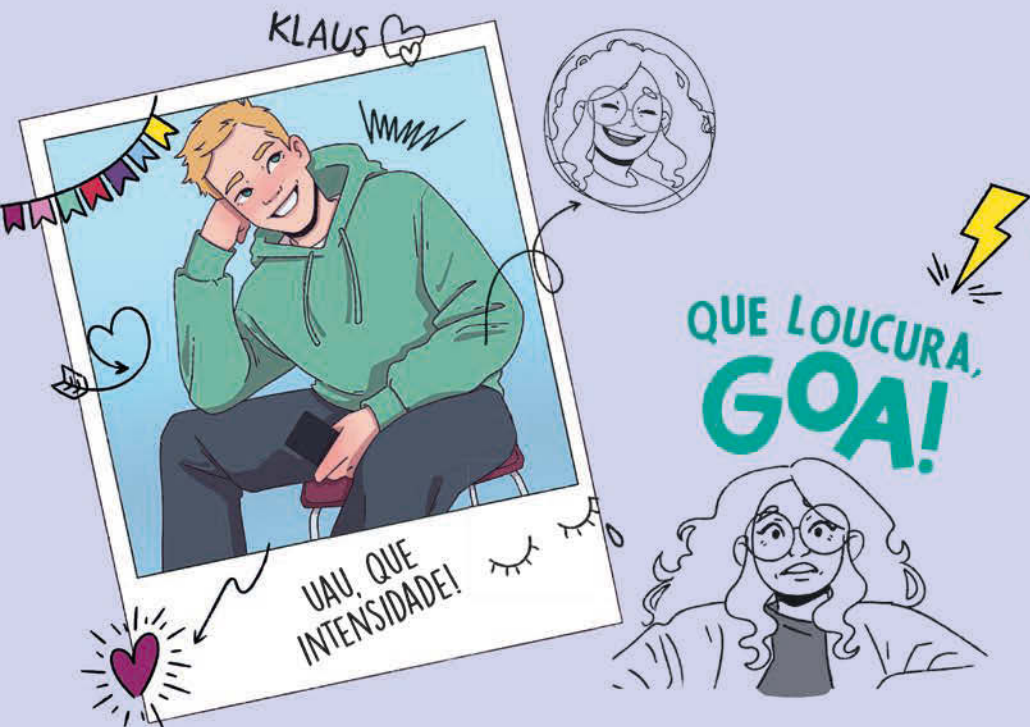


AUTO



O que Goa não esperava era que, durante as semanas seguintes, aos poucos, fosse perdendo o rasto de Klaus...

↓
porquê?



Primeiro dia na nova escola... Nervosa, eu? Nadinha!

Só que este ano vai haver **tantas mudanças**: novos amigos, a minha amiga Nádia vai para outra escola, o meu irmão vai nascer não tarda, e depois há o Klaus...

Além disso, está-me a parecer que a minha mãe arranjou um namorado!

Intenso, tudo isto!

Miriam Tirado, autora de *O fio invisível*, continua a explorar **o mundo da adolescência** com esta coleção cheia de **humor e sensibilidade**.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

www.penguinlivros.pt

penguinkidspt

ISBN: 978-989-596-337-9



9 789895 963379